

## A EXPERIÊNCIA INTERIOR EM GEORGES BATAILLE: A MORTE, A COMUNICAÇÃO, O EROTISMO, O LIMITE

### THE INNER EXPERIENCE IN GEORGES BATAILLE: DEATH, COMMUNICATION, EROTICISM, THE LIMIT

João Pedro Azevedo Lima<sup>1</sup>

#### Resumo

Georges Bataille (1897–1962) foi um dos principais representantes da filosofia francesa do século XX. No entanto, até 1962, ano de sua morte, não foi reconhecido em vida enquanto referência literária-filosófica. A notoriedade de seu trabalho se deu, principalmente, após o lançamento — organizado por Michel Foucault (1926–1984) e publicado pela Gallimard — de suas Obras Completas, composta por doze volumes. Esta edição permitiu-nos captar como o pensamento, na obra batailliana, é refletido no fulgor e na potência do instante, o que se evidencia no caráter um tanto fragmentário de seus escritos, e em sua linguagem por vezes violenta e transgressiva. Isto posto, em sua filosofia há a recorrência de temas como a transgressão, o limite, o erotismo e a morte. À vista disso, o presente artigo propõe-se analisar o que Bataille entende por experiência interior, conforme o expõe em obra de mesmo título, originalmente publicada em 1943, e como esse conceito relaciona-se às noções de morte, comunicação e erotismo.

**Palavras-chaves:** Bataille; experiência interior; não-saber; dispêndio; Nietzsche.

#### Abstract

Georges Bataille (1897–1962) was one of the main representatives of the 20<sup>th</sup> century French philosophy. However, until 1962, the year of his death, he was not recognized during his lifetime as a literary-philosophical reference. The notoriety of his work occurred mainly after the launch – organized by Michel Foucault (1926–1984) and published by Gallimard – of his Complete Works, consisting of twelve volumes. This edition allowed us to capture how thought, in Bataille's work, is reflected in the brilliance and power of the moment: this is evident in the somewhat fragmentary nature of Bataille's writings, and in his sometimes violent and transgressive language. That said, in his philosophy there is a recurrence of themes such as transgression, limits, eroticism and death. In view of this, the present article proposes to analyze what Bataille understands by inner experience, as explained in a work of the same title, originally published in 1943, and how this concept relates to the notions of death, communication, and eroticism.

**Keywords:** Bataille; inner experience; non-knowledge; expenditure; Nietzsche.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela UFPA, instituição na qual cursa o Mestrado em Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-UFPA). Email: joao.azevedo.lima@ifch.ufpa.br

*J'en arrive à cette position : l'expérience intérieure est le contraire de l'action. Rien de plus.* (Bataille, 1973, p. 59)<sup>2</sup>

## 1 - Introdução: Bataille na França ocupada, uma contextualização histórica.

A princípio, para introduzirmos a temática que aqui nos propomos elucidar, gostaríamos de situar a obra de Georges Bataille (1897–1962) em sua época. De modo geral, mas sobretudo em sua fase intermediária, o pensamento batailliano é marcado historicamente tanto pela experiência política da ascensão do fascismo na Europa — sobre a qual reflete em seu artigo *A estrutura psicológica do fascismo*<sup>3</sup>, recém-publicado no Brasil, em 2022 — quanto pelas ocorrências da Segunda Guerra Mundial. Vale ressaltar que durante a ocupação nazista em território francês, ocorrida de maio de 1940 a dezembro de 1944, Bataille permaneceu em seu país, onde elaborou e publicou dois livros que consideramos os principais trabalhos do que se convencionou chamar de sua *fase mística* (termo que o próprio filósofo afirma não ser de sua preferência, já que, à primeira vista, se relaciona à experiência religiosa confessional), em que se volta para a temática do sagrado, para além de seu tradicional sentido religioso: *A experiência interior* (1943) e *Sobre Nietzsche*<sup>4</sup> (1945).

Dado a abrangência e a diversificação da obra batailliana — tanto em seu aspecto temático quanto em sua forma, por vezes ensaística, por vezes literária, ou mesmo poética —, é fundamental considerarmos o período e as condições nas quais elas foram escritas, pois ao elucidá-las, poder-se-á melhor compreender o sentido da argumentação e dos conceitos apresentados nas obras supramencionadas (Souza, 2021). Esse pressuposto interpretativo não se distancia daqueles que Mazzino Montinari (1928–1986) recomenda para uma leitura apropriada dos escritos de Friedrich Nietzsche (1844–1900). Em sua perspectiva, não devemos nos fixar a fórmulas particulares, muito menos tomá-las literalmente: tal qual ocorre em relação ao autor de *Zarathustra* (frisamos, na interpretação de Montinari), em nossa leitura da *Experiência interior* pensamos que “a base filológica e histórica não substitui, de modo algum, a interpretação propriamente filosófica, mas que é o seu pressuposto indispensável” (Chaves, 1997, p. 68). Além disso, e talvez mais importante, adotar este pressuposto metodológico “não

<sup>2</sup> “Chego a este postulado: a experiência interior é o contrário da ação. Nada mais” (Bataille, 2020b, p. 79).

<sup>3</sup> Cf. BATAILLE, Georges. *A estrutura psicológica do fascismo*. São Paulo: n-1 edições; Hedra, 2022.

<sup>4</sup> Acerca da interpretação que Bataille faz da obra de Nietzsche, leitura singular e muito influente no que veio a ser chamado de “nietzschianismo francês”, Cf. ZHUO, Yue. Bataille’s Nietzsche. In: WOODWARD, Ashley. (ed.) *Interpreting Nietzsche: reception and influence*. London: Continuum, 2011, p. 35–50. Já para um estudo mais completo, no qual o autor trata detidamente sobre as diversas fases da recepção francesa de Nietzsche no decorrer do século XX, Cf. Pinto, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra: la réception de Nietzsche en France*. Paris: Seuil, 1995.

nos garante nenhuma interpretação filosófica definitiva. Entretanto, ela nos garante algo precioso [...]: *impede toda interpretação abusiva*” (*Ibidem*, p. 73, grifo nosso).

Na obra de Bataille, tal proximidade a Nietzsche diz respeito não somente ao aspecto metodológico, mas também concerne a características de sua própria filosofia: ora, isto evidencia-se não somente no fato da epígrafe de *A experiência interior* ser uma passagem de *Assim falou Zaratustra* (1883), ou de seu preâmbulo iniciar com uma passagem da *Gaia ciência* (1882), mas também quando Bataille afirma ser “um discípulo de Dionísio<sup>5</sup>” (Bataille, 2017b, p. 253). À vista disso, não se poderia entender plenamente a experiência interior batailliana sem nos referirmos a Nietzsche: assim como o autor de *Zaratustra*, “Bataille é um pensador heterogêneo que está ao mesmo tempo disponível para apropriação e também resiste a essa apropriação” (Noys, 2000, p. 44, tradução nossa)<sup>6</sup>. Logo, a experiência interior não poderia ser concebida sem levarmos em conta a figura de Nietzsche, vista que ela é inteiramente pensada *após a morte de Deus*.

Antes, façamos um breve excuro em direção a Nietzsche. Do que se trata, precisamente, a morte de Deus? Em síntese, tal anúncio (*Gott ist tot*), dado primeiramente pelo “homem louco”, no aforismo 125 da *Gaia Ciência* e, em seguida, por *Zaratustra*, representa o *fim do infinito*, o fim dos valores perpétuos: trata-se do ocaso de Deus enquanto verdade eterna, enquanto figura que controla, conduz e mantém o ordenamento do mundo. Ou, nas palavras de Jean Wahl (1888–1974) na revista *Acéphale* — publicação periódica dirigida por Bataille no decorrer dos anos 1930 —, que ilustram bem a circunstância em que se encontra o filósofo do martelo: enquanto “Kierkegaard está ‘frente a Deus’; Nietzsche está frente ao cadáver decomposto de Deus” (Wahl, 2006, p. 71, tradução nossa)<sup>7</sup>. Dizer que Deus existe ou não, para Nietzsche, é uma escolha individual, de cunho privado, uma questão sobre a qual seu pensamento não se interessa. Essa morte decorre da secularização da civilização — resultado dos avanços das ciências positivas ao longo do século XIX. O autor de tal ato, segundo indica Machado (2011), em sua obra dedicada à interpretação (trágica) de *Zaratustra*:

<sup>5</sup> A figura de Dionísio já aparece na primeira obra de Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia*, na conhecida formulação apolíneo-dionisíaco, e é retomada em uma coletânea de poemas — os *Ditirambos de Dionísio* —, produzidos no segundo semestre de 1888, a última fase de produção intelectual de Nietzsche, pouco antes de seu adoecimento definitivo. Segundo a leitura de Mersch (2017), em Nietzsche, Dionísio é quem preenche a lacuna entre Hegel e Hölderlin, combinando o enigmático símbolo dionisíaco com a prática da arte, mantendo, em um só tempo, o critério absoluto. Para um estudo que se detém a essa temática, Cf. MERSCH, Dieter. “Nietzsche’s Dionysos”. *Performance Philosophy*, v. 3, n. 3, p. 604–615, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21476/PP.2017.33183>. Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>6</sup> No original: “Bataille is a heterogenous thinker who is at once available for appropriation and who also resists that appropriation”.

<sup>7</sup> No original: “Kierkegaard está ‘frente a Dios’; Nietzsche está frente al cadáver descompuesto de Dios”.

[...] pode ser facilmente identificado: é o homem moderno, o homem reativo, ‘o mais feio dos homens’, que, por não suportar aquele que via toda a vergonha e a fealdade ocultas no âmago de seu ser, vingou-se dessa testemunha (Machado, 2011, p. 47–48).

Desse modo, é a morte de Deus que permite a Nietzsche cultivar seu projeto fundamental: a transvaloração de todos os valores. Seu Zarathustra também nos traz outros presentes — o além-do-homem (*Übermensch*), “figura nietzschiana [...] pensada também em divergência para com os pensamentos de matriz dialética” (Galantin, 2021, p. 75). Enquanto a dialética anuncia a substituição de Deus pelo homem, “antes e depois da morte de Deus, o homem permanece ‘quem é’ assim como Deus permanece ‘o que é’: forças reativas e vontade de nada” (Deleuze, 2018, p. 203). Portanto, essas três ideias presentes em *Assim falou Zarathustra* relacionam-se diretamente: a morte de Deus — quem deixa de ser fonte dos valores morais — é o evento que possibilita o além-do-homem, o qual, por conseguinte, deverá transvalorar todos os valores a fim de superar a condição do último homem enquanto criatura e defensor dos valores vigentes, passando, desse modo, a ser criador de valores para si mesmo. Dadas estas considerações sobre esse conceito tão fundamental para a filosofia do chamado Nietzsche tardio, voltemos à Bataille.

Se, em certa medida, a filosofia nietzschiana constitui-se enquanto referência fundamental, uma vez que proporcionou ao filósofo francês um pano-de-fundo para realizar sua *transvaloração de todos os valores*<sup>8</sup>; por outro, a partir de Sade<sup>9</sup>, Bataille relacionou, igualmente ao seu modo, erotismo e morte. Destarte, Bataille pôde enfim pensar numa experiência interior estabelecida fundamentalmente a partir das noções de finitude/morte e transgressão. A motivação por trás de tal perspectiva foi destacada por Foucault no seu breve texto de apresentação das obras completas do autor de *Madame Edwarda*, ao firmar que Bataille “fez o pensamento entrar no jogo — em um jogo arriscado — do limite, do extremo, do cume,

<sup>8</sup> Conforme Marton (2020) elucida em seu artigo sobre a genealogia e o projeto nietzschiano da transvaloração dos valores, é precisamente a ideia da *morte de Deus* que o permite pensar tal transvaloração, já que, uma vez findada a existência de um Criador, morre também sua criatura, o Homem: ora, a partir daí, abre-se o caminho para o *Übermensch* (conceito comumente traduzido à língua portuguesa como *além-do-homem*), aquele capaz de criar seus próprios valores. Em outras palavras, “enquanto a perspectiva aberta pelo além-do-homem viabiliza criar novos valores, a estabelecida pelo último homem exige a defesa dos valores instituídos” (Marton, 2020, p. 101).

<sup>9</sup> Sobre a leitura batailliana da obra de Sade, Cf. BATAILLE, Georges. *Sade*. In: BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 99–122. A figura de Sade foi fundamental não somente para Bataille, mas para toda uma geração de filósofos e escritores — na qual se incluem Michel Foucault (1926–1984), Gilles Deleuze (1925–1995) e Pierre Klossowski (1905–2001) —, pois em sua obra já estão contidas temáticas centrais que foram objetos fundamentais para a reflexão filosófica francesa ao longo do século XX, a saber, a transgressão, o limite, a morte, o êxtase, o interdito, a ruptura, etc. Para uma leitura de Sade que, tal qual aquela de Bataille, certamente foi muito influente à época de sua publicação, Cf. KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade meu próximo*: precedido de *O filósofo celerado*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

do transgressivo<sup>10</sup> [...]” (Foucault, 2001, p. 893). Daí emerge, portanto, a importância que se reveste hoje um estudo sobre essas temáticas, ainda pouco trabalhadas nos estudos realizados no Brasil — principalmente em Filosofia —, relacionando experiência interior à morte e ao erotismo, conforme pensadas por Bataille na fase intermediária de sua obra.

Em minucioso trabalho biográfico sobre o filósofo, Michel Surya (1954–) destaca que 1943 foi um ano de importantes publicações: além da obra supracitada de Bataille, por exemplo, publicou-se *O ser e o nada* de Jean-Paul Sartre (1905–1980), *O mito de Sísifo* de Albert Camus (1913–1960), para nos determos apenas a obras filosóficas. Contudo, publicar em meio à guerra pode ter sido um erro: segundo o biógrafo, a publicação de *A experiência interior* foi vista “pelo menos como um sinal de aceitação da Ocupação por parte do autor, se não, sinal de conluio com o ocupante” (Surya, 2010, p. 329, tradução nossa)<sup>11</sup>. Das numerosas publicações de Bataille, este “foi o livro que [lhe] rendeu maior notoriedade [em vida]. Embora sobretudo negativa” (Scheibe, 2020, p. 21). Para mais, as críticas se aprofundam: “caso esse livro merecesse ser denunciado, não seria porque ele foi publicado durante a guerra, mas porque ele mesmo era, de um jeito *mórbido*, guerra” (Surya, 2010, p. 329, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Sobre essa recepção um tanto polêmica, para dizer o mínimo, quando não negativa, podemos fazer um paralelo com aquilo que iria ocorrer duas décadas mais tarde, na ocasião do lançamento de *As palavras e as coisas* (1966) por Foucault — obra severamente criticada, tanto por existencialistas, quanto por marxistas<sup>13</sup> —, *A experiência interior* também foi capaz de reunir um grupo um tanto heterogêneo de críticos, pois “na época, surrealistas, cristãos e existencialistas encontraram motivos para atacar Bataille” (Surya, 2010, p. 330, tradução nossa)<sup>14</sup>. Dentre estes ataques, podemos destacar aquele dos surrealistas, de Gabriel Marcel (1889–1973) e do já mencionado Sartre, o qual talvez seja o mais relevante, já que em seu ácido ensaio<sup>15</sup>, criticou duramente Bataille, com quem entrou em um breve debate público

<sup>10</sup> Sobre a questão do jogo, da linguagem e da transgressão, Foucault trabalha mais detidamente em seu artigo-homenagem a Bataille, na ocasião de sua morte, cujo texto — carregado de uma linguagem densamente poética e imagética — faz clara referência ao estilo de escrita do autor de *Sobre Nietzsche*. Cf. FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, Michel. *Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 28–46.

<sup>11</sup> No original: “[...] at least of its author’s acceptance of the Occupation, if not of collusion with the occupier.”

<sup>12</sup> No original: “[...] if the book merited being denounced, it was not because it was published during the war, but because it was, in a *morbid* way, war.”

<sup>13</sup> É o que atesta Eribon (1991) em sua contextualização sobre a recepção de *Les mots et les choses*, publicação que rendeu fama a Foucault ainda em vida. Para mais, Cf. ERIBON, Didier. Les remparts de la bourgeoisie. In: ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. 2. ed. Paris: Flammarion, 1991, p. 182–198.

<sup>14</sup> No original: “[...] at this time, surrealists, Christians and existentialists all found reason to attack Bataille.”

<sup>15</sup> Sobre essa dura crítica de Sartre à *Experiência interior*, contida no seu artigo *Un nouveau mystique* — originalmente publicado de 1943, retomado posteriormente em 1947 na coletânea de ensaios crítica *Situations I* —, Françoise Meltzer (2006) destaca a crítica de Sartre a Bataille no que diz respeito ao seu engajamento com Hegel, sobretudo no que concerne à síntese (*Aufhebung*), que se encontraria excluída na *experiência interior*. Para

posteriormente sobre Baudelaire. Isto posto, tratemos de elucidar e delinear *A experiência interior*, principalmente sobre as noções de morte e erotismo.

## 2 - Definir a experiência interior: uma experiência mística não-confessional

De início, citemos um trecho do editorial da revista *Minotaure*, cuja autoria atribui-se a André Breton (1896–1966), que

[...] poderia perfeitamente ter sido publicado na *Documents* sob autoria de Bataille: “Diante da falência incontestável do racionalismo, falência que previmos e anunciamos, a solução vital não está em recuar, *mas sim em avançar na direção de novos territórios*” (Moraes, 2017, p. 155, grifo nosso).

É precisamente esse transpassar que Bataille objetiva ao pensar “numa experiência nua, livre de amarras, e mesmo de origem” (Bataille, 2020a, p. 33). Assim, essa noção “responde à necessidade [...] de pôr tudo em causa (em questão) sem repouso admissível” (*Ibidem*). Tal experiência distancia-se sobremaneira daquela dos monges ascetas cristãos, ou dos hindus, também afeitos ao ascetismo: não há pressupostos ou dogmas que devem limitá-la, já que “aquele que já sabe não pode ir além de um horizonte conhecido” (*Ibidem*). Por conseguinte, não pode haver nenhum fim preestabelecido, determinado antecipadamente; o princípio dessa experiência, para Bataille, é o *não-saber*, “um lugar de extravio, de não-sentido” (*Ibidem*). Assim como São João da Cruz (1542–1591) considera que só é possível apreender um Deus que seja amorfo, Bataille pensa “a apreensão de Deus [...] [como] uma parada no movimento que nos leva à apreensão mais obscura do *desconhecido* [...]” (*Ibidem*, p. 35). Vê-se, logo ao início do texto, a presença de Nietzsche, pois para o autor de *Zarathustra*, o filósofo não é o “amigo da verdade”, mas sim aquele que busca o desconhecido. Na tradicional experiência religiosa, ou melhor, em toda metafísica, segundo Nietzsche, “não se busca apenas um tipo de explicações como causa, mas um tipo *seleto e privilegiado* de explicações, aquelas com que foi eliminado da maneira mais rápida e mais frequente o sentimento do estranho, novo, não-vivenciado” (Nietzsche, 2017, p. 36). Posto que o filósofo francês visa justamente uma experiência interior que se direciona ao estranho, ao não-saber, ao desconhecido, não se poderia acusá-lo de idealismo, como o fazem um grupo de surrealistas no panfleto *Nom de Dieu*, chamando-o de “um padre, um cônego” (Surya, 2010, p. 330, tradução nossa)<sup>16</sup>. Daí, sintetiza

---

mais detalhes sobre a crítica sartreana, e sobre a posterior discussão que ocorre entre estes dois filósofos, Cf. MELTZER, Françoise. “Sobre a questão da *Aufhebung*: Baudelaire, Bataille e Sartre”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. v. 75, p. 03–19, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/895>. Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>16</sup> No original: “[...] a priest, a canon [...]”

Bataille, “só nos desnudamos totalmente indo sem trapaças rumo ao desconhecido. É a parte de desconhecido que confere à experiência de Deus — ou do poético — sua grande autoridade” (Bataille, 2020a, p. 35).

Postas essas proposições iniciais, Bataille segue para delimitar, na seção seguinte, aquilo que constitui justamente sua experiência interior, a qual define, em outros termos, enquanto “uma viagem ao extremo do possível do homem” (*Ibidem*, p. 35). Conforme afirmamos acima, pode-se relacionar essa definição de experiência à transvaloração nietzschiana de todos os valores, já que ele a caracteriza como “a negação de outros valores” (*Ibidem*), a saber, os valores morais do dogma religioso: de modo algum essa experiência interior pode ter como princípio o dogma, e “também não pode ter outro anseio nem outro fim que não ela própria” (*Ibidem*, p. 37). Não obstante, Bataille não havia conseguido responder — após retirar de cena o dogma e a autoridade — se ainda seria possível uma experiência que não fosse vazia, dada a ausência de um fim. Sobre essa questão, relata-nos: “a ausência de uma resposta categórica [...] acabou me causando um grande mal-estar” (*Ibidem*, p. 38). A resposta, enfim, foi-lhe dada por Maurice Blanchot (1907–2003): “a própria experiência é a autoridade” (*Ibidem*).

Em 1941, dois anos antes da publicação da obra que aqui buscamos elucidar, Bataille se reunia em dois grupos (Blanchot fazia-se presente em ambos, lembra-nos Surya) para discutir “as possibilidades e o valor de uma *experiência*, sua natureza e autoridade, seu campo de ação e seus objetivos, caso tenha algum” (Surya, 2010, p. 316, tradução nossa)<sup>17</sup>. Bataille admite que tomou de Blanchot algumas noções para definir sua experiência — fato que Sartre usará, em sua crítica, para acusar a inautenticidade da obra de Bataille —, a qual deveria “ter por princípio e fim a ausência da salvação; - afirmar a si mesma como autoridade; - ser contestação de si mesma e do não-saber” (Bataille, 1973, p. 286; *apud* Surya, 2010, p. 317, tradução nossa), enumeração que sintetiza o que até agora apresentamos. A experiência interior, por fim, é definida como “a fusão do objeto e do sujeito, sendo, como sujeito, não-saber, como objeto, o desconhecido” (Bataille, 2020a, p. 39). Dada a morte de Deus, o ocaso do divino, declina também a pujança e a autoridade das entidades (Igreja) que punham a constituição de valores *do lado de fora*. Em outras palavras, “a experiência interior [é] uma rejeição da autoridade externa e, portanto, uma rejeição da autoridade da filosofia e da autoridade da comunidade”

<sup>17</sup> No original: “the possibilities and the value of an *experience*, its nature and authority, its field of action and its aims, if it had any).”

(Noys, 2000, p. 59, tradução nossa)<sup>18</sup>. Destarte, para viver tal *experiência do impossível*, Bataille argumenta que

[...] era preciso não procurar longe, pelo contrário, entrar em si mesmo para aí encontrar o que faltou a partir do dia em que se contestaram as construções. “Si mesmo” não é o sujeito que se isola do mundo, mas um *lugar de comunicação, de fusão do sujeito e do objeto*. (Bataille, 2020a, p. 40, grifo nosso).

Para esta fusão entre sujeito e objeto, Bataille procura pensar um método, e trata de enunciar o que seria, em seus termos, a *dramatização*. Para o filósofo francês, “só se atinge estados de êxtase ou de arrebatamento *dramatizando* a existência em geral” (*Ibidem*, p. 41) Essa dramatização é necessária e fundamental para toda religião, e o sacrifício representa seu momento de maior intensidade, o instante de máximo *dispêndio*: ora, “o sacrifício não é outra coisa [...] que não a produção de coisas *sagradas*” (*Idem*, 2013, p. 22). Todavia, para Bataille, na religião a dramatização é exterior, forçada, tola, porque restringe e isola o ser. O mais importante, por conseguinte, seria o momento no qual *se rejeita os meios exteriores*: “nada de salvação: ela é o mais odioso dos subterfúgios” (*Idem*, 2020a, p. 43). Sendo o ato de pôr tudo em causa, “a experiência, sua autoridade, seu método não se distinguem da contestação” (*Ibidem*), o princípio basilar da experiência batailliana. Nela, não se busca um lugar pré-determinado — como no cristianismo, a salvação; ou no budismo, o Nirvana — na medida em que se busca o êxtase *a partir e na* contestação do saber: daí, “permaneço no intolerável não-saber, cuja única saída é o próprio êxtase” (*Ibidem*, p. 44).

Entra em jogo um tópico precípuo, justamente a distinção entre a experiência interior e a filosofia: “na experiência, o enunciado não é nada, apenas um meio e, até, tanto quanto um meio, um obstáculo; *o que conta não é mais o enunciado do vento, é o vento*” (*Ibidem*, p. 45, grifo nosso). Sobre sua relação com a filosofia, Noys sublinha: “após Nietzsche, Bataille não irá mais entender a filosofia como um discurso da verdade, mas como um discurso que é instável e impuro” (Noys, 2000, p. 39, tradução nossa)<sup>19</sup>. Aqui — claramente em consonância à interpretação nietzschiana da lógica e da linguagem —, Bataille opera em uma lógica flutuante, que, conseqüentemente, “retira os apoios com os quais seu interlocutor poderia pretender sustentar sua posição” (Surya, 2010, p. 335, tradução nossa)<sup>20</sup>. Não recorrendo à ascese — que o monge asceta busca “da mesma forma que um operário pena visando a um

<sup>18</sup> No original: “Inner experience was a rejection of external authority, and so a rejection of the authority of philosophy and the authority of community.”

<sup>19</sup> No original: “After Nietzsche, Bataille will no longer understand philosophy as a discourse of truth but as a discourse that is unstable and impure.”

<sup>20</sup> No original: “withdraws the supports with which his interlocutor could claim to shore up his position.”

salário” (Bataille, 2017b, p. 70) —, o filósofo francês fixa “a contestação à *liberação do poder das palavras* que o controle é” (Idem, 2020a, p. 47).

A esta proposição, segue-se uma interrupção na exposição em que Bataille apresenta uma série de aforismos (tal como consta em *Sobre Nietzsche*, obra que também contém trechos de escritos póstumos e de obras publicadas do filósofo do martelo), os quais, mesmo fragmentários, fornecem-nos importantes esclarecimentos sobre sua crítica à ascese. Para Bataille, não é o meio pelo qual chegamos ao êxtase que se alcança por meio de uma experiência voltada *para dentro*. Como bem sintetiza Benjamin Noys, em estudo crítico da obra de Bataille, essa experiência é fundamentalmente “*finita [e] não promete nada fora de si própria*. [...] O resultado desta experiência que se explora até seus limites é uma contestação desses limites, da linguagem, do sujeito, e quaisquer limites que tentem limitar essa experiência” (Noys, 2000, p. 50, grifo nosso, tradução nossa)<sup>21</sup>.

À ascese, Bataille contrapõe sua experiência interior: a primeira, “se condena a assumir um valor de objeto positivo [...] [e seu] valor não pode ser unicamente a experiência”, (Bataille, 2020a, p. 54), isto é, trabalha-se em prol da salvação, do Paraíso, lugar externo de realização do máximo êxtase; a segunda, consiste em um projeto negativo de “abolir o poder das palavras” (*Ibidem*, p. 55), no qual, conseqüentemente, abole-se a possibilidade ascética. Nesse ponto, relacionam-se ideias presentes da *Suma Ateológica* (*La Somme athéologique*, paródia, carregada de ironia, da *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino) — trilogia composta por *A experiência interior* (1943), *O culpado* (1944) e *Sobre Nietzsche* (1945) —, onde se articulam noções como erotismo, comunicação, êxtase e morte. Em *O culpado*, a título de exemplificação, podemos encontrar uma breve passagem na qual Bataille define o que entende por *êxtase*: “[...] é *comunicação* entre termos (esses termos não são necessariamente definíveis), e a comunicação possui um valor que os termos não tinham: aniquila-os — da mesma forma, a luz de uma estrela aniquila (lentamente) a própria estrela” (Bataille, 2017a, p. 52). Sobre esta noção de comunicação, tratemos mais detalhadamente abaixo. Dadas estas considerações, passemos à temática da morte, questão central não somente para o pensamento batailliano, mas também para diversos representantes da filosofia francesa do século XX, como o já citado Blanchot, e Foucault, quem manteve uma proximidade latente com as obras de Bataille, Blanchot e Klossowski — estes *três nomes tutelares*, para utilizarmos as palavras de Judith Revel (2019)

<sup>21</sup> No original: “[...] it is a finite experience that promises nothing outside itself. [...] The result of this experience which explores itself to its limits is a contestation of those limits, of the language, of the subject, and wherever limits try to limit this experience.”

— em seus escritos sobre a literatura, que acompanharam, em paralelo, sua reflexão e a elaboração de seu projeto da arqueologia do saber.

### **3 - A morte: a experiência-limite, a transgressão e o sacrifício.**

Para introduzirmos a posição tomada por Bataille em relação à morte, compreendida não apenas enquanto morte do corpo biológico, enquanto mera definição dicionarizada de “interrupção definitiva da vida de um organismo”, mas enquanto a *experiência-limite* humana por excelência, trataremos brevemente de algumas considerações traçadas por Roberto Esposito (1950–), filósofo italiano fundamental na recepção crítica da biopolítica foucaultiana. Em Bataille, a morte estende-se propriamente àquilo que ele entende por experiência, em específico, a experiência interior.

No último capítulo de sua obra *Communitas*, Esposito tece um comentário sobre a experiência-limite da morte — e como ela se relaciona a *communitas*, conceito-chave de sua filosofia política —, em especial, sobre o sentido que ela possui em Bataille. Assim, tratemos de apresentá-lo, pois pensamos que Esposito pode nos auxiliar a compreender melhor o sentido que a morte, experiência-limite fundamental, possui no interior do pensamento batailliano.

Segundo Esposito (2010), a filosofia de Bataille coincide com o não-dito em Heidegger. Qual seria o sentido de tal afirmação, uma vez que o próprio Bataille admite que nunca foi um grande leitor do autor de *Ser e Tempo*, apesar de afirmar também que foi por ele influenciado? Para o filósofo italiano, o ponto de encontro entre estes dois pensadores é justamente Nietzsche, relação esta que se encontra explicitada na seguinte passagem:

O que Bataille quebra de uma vez por todas é essa dialética da origem e da realização, da perda e do redescobrimento, de ser desviado e então retornar. E Bataille o faz em grande parte inspirado pelo mesmo Nietzsche que Heidegger pôs nos confins da metafísica ocidental. É como se Bataille invertesse os papéis que haviam sido estabelecidos no grande projeto de Heidegger. Não é Nietzsche quem marca um pensamento que não pode ser reduzido à metafísica ocidental, mas sim o próprio Heidegger que permanece aprisionado na tradição filosófica (Esposito, 2010, p. 114, tradução nossa).<sup>22</sup>

Por conseguinte, Bataille rompe com a tradição filosófica do Ocidente por não mais buscar uma *verdade*, mas justamente por se encontrar, em sua experiência interior, imerso em

---

<sup>22</sup> No original: “What Bataille once and for all breaks with is this dialectic of origin and realization, of loss and rediscovery, of being diverted and then of returning. And Bataille does so largely inspired by the very same Nietzsche that Heidegger had placed within the confines of Western metaphysics. It is as if Bataille inverts the roles that had been established in Heidegger’s grand design. It isn’t Nietzsche, who marks a thought that cannot be reduced to Western metaphysics, but rather Heidegger himself who remains imprisoned within philosophical tradition.”

um não-saber. A partir daí, podemos enfim tratar somente sobre a *morte*. Não limitada enquanto evento biológico, a morte para Bataille é também fonte de força para a existência humana: nela, há uma confrontação do indivíduo para com a sua finitude, seus limites, e sua inescapável decomposição. A morte é, portanto, ruptura absoluta que, por sua vez, deixa-nos livre para vivenciar o *excesso*, isto é, um estado que ultrapassa os limites das convenções e da razão. É no sacrifício, ritual tão comum às religiões, que Bataille estabelece a ligação entre a morte e o excesso, que é, ao fim e ao cabo, dispêndio improdutivo de energias, tal como ele o propõe no artigo *A noção de dispêndio* (Bataille, 2013). Em síntese, Bataille “rejeita a obsessão de Hobbes com uma *conservatio vitae* a tal ponto que sacrifica todos os outros bens à sua própria realização. *Ele vê o ápice da vida num excedente que a expõe continuamente à morte*” (Esposito, 2010, p. 124, grifo nosso, tradução nossa)<sup>23</sup>.

#### 4 - A comunicação: erotismo enquanto dispêndio.

A comunicação, conforme compreendida por Bataille, necessariamente possui, em seu cerne, uma *falha*: “esta brecha/ferida necessária para a experiência interior representa não só a crítica de uma certa concepção do indivíduo [...], mas também uma abordagem específica da escrita, onde o corpo irromperá regularmente no texto” (Godard, 2021, p. 10–11, tradução nossa)<sup>24</sup>. O corpo, por sua vez, deve ser completamente negado pelo asceta: conseqüentemente, relaciona-se, a partir daí, à questão do erotismo. Tal conceito, em Bataille, “designa o campo oposto àquele da sexualidade considerada benéfica, ou seja, a sexualidade matrimonial com objetivo de reprodução” (Souza, 2021, p. 18). Assim como o sacrifício religioso, a atividade erótica é necessariamente dispêndio: associadas, em ambas há “o mesmo processo de dissolução das formas constituídas que implica a aprovação da vida até na própria morte” (Moraes, 2017, p. 163). No instante desse traspassamento, diz-nos em *O erotismo* — obra que não integra a trilogia da *Suma*, mas que se comunica com ela —, “o essencial é o instante de violento contato, em que a vida desliza de um a outro [...]” (Bataille, 2017a, p. 179); ou em *Sobre Nietzsche*: “tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma diferença primeira” (*Idem*, 2020b, p. 37).

<sup>23</sup> No original: “[...] rejects Hobbes’s obsession with a *conservatio vitae* extended to such a degree that it sacrifices every other good to its own realization. He sees the culmination of life in a surplus that continually exposes it to death.”

<sup>24</sup> No original: “Cette brèche/blessure nécessaire à l’expérience intérieure représente non seulement la critique d’une certaine conception de l’individu [...], mais aussi une approche spécifique de l’écriture, où le corps va régulièrement faire irruption dans le texte.”

Na terceira parte de *A experiência interior*, Bataille dedica uma seção inteira à noção de comunicação. Para ele, não há algo uno, uma essência individual que diferencia os seres. “Aquilo que se chama um ‘ser’ nunca é simples e, se apenas ele tem a unidade durável, só a possui imperfeita: ela é minada por sua profunda divisão interior, permanece mal fechada e, em certos pontos, atacável de fora” (Bataille, 2020a, p. 130): desse modo, o que assegura a unidade desses inúmeros elementos heterogêneos é a “intensa comunicação desses elementos entre si” (*Ibidem*). Vale citar uma passagem por completo, na qual Bataille melhor expõe seu entendimento:

A vida nunca está situada num ponto particular: ela passa rapidamente de um ponto a outro: [...] onde querias capturar tua substância intemporal não encontras mais do que um deslizamento, do que *jogos mal coordenados de teus elementos percíveis*. Mais profundamente, tua vida não se limita a esse inapreensível fluxo interior; *ela flui também para fora e se abre incessantemente ao que escorre ou jorra para ela*. (*Ibidem*, p. 131, grifo nosso).

Assim, o que à primeira vista parece se encontrar em contradição, Bataille mostra-nos que a experiência interior não é exclusivamente interior: daí, abre-se da comunicação para a comunidade, em reflexão na qual se “inscreve a existência da comunidade como uma abertura ao exterior mesmo no estado mais isolado da experiência ‘interior’” (Noys, 2000, p. 51, tradução nossa)<sup>25</sup>. Um breve adendo, do ponto de vista histórico: Bataille encontrava-se em profundo isolamento durante a guerra, “diagnosticado em 1942 com tuberculose pulmonar” (Surya, 2010, p. 318, tradução nossa)<sup>26</sup>, o que, decerto, tornou para ele possível realizar sua mais profunda meditação, ano no qual conclui a escrita de *A experiência interior*. Portanto, a comunicação, esse “pôr-se em jogo”, é precisamente o sentido que Bataille buscar atribuir ao erotismo, isto é, “essa coisa frágil, desesperada que ocorre entre dois ou mais seres que buscam superar o vazio que os separa, e preencher o vazio com o qual cada um deles pode imaginar no outro [...]” (*Ibidem*, p. 343)<sup>27</sup>.

### **Considerações finais:** pensar o impossível.

Neste artigo, buscamos elencar os principais pontos de *A experiência interior*, localizando-a na obra de Bataille e relacionando seus conceitos a outros que permeiam sua *Suma Ateológica*. Para ele, a filosofia nunca é um lugar terminado, acabado; ela é sempre um

---

<sup>25</sup> No original: “It inscribes the existence of community as an opening to the outside even in the most isolated state of ‘inner’ experience.”

<sup>26</sup> No original: “In fact in 1942 pulmonary tuberculosis was diagnosed.”

<sup>27</sup> No original: “[...] is that fragile, desperate thing that occurs between two or more beings who seek to surmount the nothingness that separates them, and to fill the nothingness that each of them can imagine in the other [...].”

espaço em construção: “para Bataille, a filosofia só pode ser pensada como essa incompletude, mais como um canteiro de obras do que uma casa, sem o gosto pela autoridade que a construção arquitetônica [do pensamento sistemático] impõe ao pensamento” (Noys, 2000, p. 59, tradução nossa)<sup>28</sup>. Pensar o não-saber, o desconhecido, o limite e buscar transgredi-lo é o que o autor de *O erotismo* procura fazer ao longo de seus escritos, sejam monográficos, poéticos ou literários.

A experiência interior, diz-nos Foucault, “é inteiramente experiência do impossível (o impossível sendo aquilo de que se faz a experiência e o que a constitui)” (Foucault, 2009, p. 30). O impossível para onde impele-se “não é só um limite que previne a filosofia de alcançar o saber universal que deseja, mas também é o limite que provoca esse desejo” (Noys, 2000, p. 58, tradução nossa)<sup>29</sup>. Fazendo-a sofrer, a linguagem em Bataille

[...] desmorona-se sem cessar no centro de seu próprio espaço, deixando a nu, na inércia do êxtase, o sujeito insistente e visível que tentou sustentá-la com dificuldade, e se vê como que rejeitado por ela, esgotado sobre a areia do que ele não pode mais dizer (Foucault, 2009, p. 36).

Pensar o impossível: é isso que o filósofo francês intenta em seu pensar transgressivo. Imerso no não-saber de sua experiência interior, Bataille conclui: “a experiência não pode ser comunicada se laços de silêncio, de apagamento, de distância não transformarem aqueles que ela põe em jogo” (Bataille, 2020a, p. 61).

<sup>28</sup> No original: “For Bataille philosophy can only be thought as this incompleteness, as a construction site rather than a house and without the taste for authority that the architectural construction imposes on thought.”

<sup>29</sup> No original: “[...] is not only a limit that prevents philosophy from achieving the universal knowledge that it desires, it is also the limit that provokes that desire.”

## Referências

BATAILLE, Georges. *A estrutura psicológica do fascismo*. São Paulo: n-1 edições; Hedra, 2022.

\_\_\_\_\_. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

\_\_\_\_\_. A noção de dispêndio. In: BATAILLE, Georges. *A parte maldita*: precedida de A noção de dispêndio. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 17–33.

\_\_\_\_\_. *Œuvres complètes V*. Paris: Gallimard, 1973.

\_\_\_\_\_. *O culpado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017a.

\_\_\_\_\_. *O erotismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

\_\_\_\_\_. Sade. In: BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 99–122.

\_\_\_\_\_. *Sobre Nietzsche*: vontade de chance. Belo Horizonte: Autêntica, 2017b.

CHAVES, Ernani. “Ler Nietzsche com Mazzino Montinari”. *Cadernos Nietzsche*, n. 3, p. 65–76, 1997. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7913>. Acesso em: 27 mai. 2024.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ERIBON, Didier. Les remparts de la bourgeoisie. In: ERIBON, Didier. *Michel Foucault*. 2. ed. Paris: Flammarion, 1991, p. 182–198.

ESPOSITO, Roberto. Experience. In: ESPOSITO, Roberto. *Communitas: The Origin and Destiny of Community*. Stanford: Stanford University Press, 2010, p. 112–134.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: FOUCAULT, Michel. *Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 28–46.

FOUCAULT, Michel. Présentation. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I: 1954–1975*. Paris: Gallimard, 2001, p. 893–895.

GALANTIN, Daniel Verginelli. *Experiência e política no pensamento de Michel Foucault*. Curitiba: Ed. UFPR, 2021.

GODARD, Marianne. “La place vide : l’expérience intérieure et l’expérience mystique comparées”. *Nouveaux cahiers de Marge*, n. 4, 1 dez. 2021. Disponível em: <https://publications-prairial.fr/marge/index.php?id=378>. Acesso em: 27 mai. 2024.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Sade meu próximo*: precedido de O filósofo celerado. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MACHADO, R. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MACHADO, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARTON, Scarlett. “Nietzsche: da genealogia à transvaloração dos valores”. *Aufklärung: revista de filosofia*, v. 7, n. esp., p. 97–108, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18012/arf.v7iesp.56769>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MELTZER, Françoise. “Sobre a questão da *Aufhebung*: Baudelaire, Bataille e Sartre”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 75, p. 03–19, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/895>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MERSCH, Dieter. “Nietzsche’s Dionysos”. *Performance Philosophy*, v. 3, n. 3, p. 604–615, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21476/PP.2017.33183>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille*. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*, ou Como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NOYS, Benjamin. Inner Experience. In: NOYS, Benjamin. *Georges Bataille: a critical introduction*. London: Pluto Press, 2000, p. 38–59.

PINTO, Louis. *Les Neveux de Zarathoustra: la réception de Nietzsche en France*. Paris: Seuil, 1995.

REVEL, Judith. Introduction. In: FOUCAULT, Michel. *Folie, langage, littérature*. Paris: Vrin, 2019, p. 7–26.

SCHEIBE, Fernando. Sobre este volume da Suma. In: BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 19–22.

SOUZA, Sarah Dethloff Cavalcanti de. *A fragmentação do corpo em Madame Edwarda de Georges Bataille*. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

SURYA, Michel. *Georges Bataille: An Intellectual Biography*. London: Verso, 2010.

WAHL, Jean. Nietzsche y la muerte de Dios. In: BATAILLE, Georges *et al.* *Acéphale: religión / sociología/ filosofía*. 2. ed. Buenos Aires: Caja Negra, 2006, p. 71–73.

ZHUO, Yue. Bataille’s Nietzsche. In: WOODWARD, Ashley. (ed.) *Interpreting Nietzsche: reception and influence*. London: Continuum, 2011, p. 35–50.

Recebido em 02/07/2024.

Aprovado em 14/10/2024.